



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES – Versão do Professor

1º ciclo do 2º bimestre da 3ª série

**Eixo bimestral: POESIA, CRÔNICA E ROMANCE NO PÓS-
MODERNISMO/ ARTIGO DE OPINIÃO, EDITORIAL E ENSAIO**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Bárbara Fadul

Conteudistas

Marli Pereira

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014



TEXTO GERADOR 1

A produção literária das décadas de 40 e 50 não chegou a constituir um movimento uniforme e bem delimitado. No entanto, apesar dessa ausência de um projeto coeso, duas características se ressaltam nessa literatura, também chamada pós-moderna: o gosto pela investigação do mundo e da alma humana e a reflexão a respeito da linguagem.

O texto a seguir é um fragmento de *Grande sertão: veredas*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa. A obra, com mais de 600 páginas sem divisão em capítulos, funde o experimentalismo linguístico da primeira fase modernista à temática regionalista da segunda fase do movimento. No romance, o ex-jagunço Riobaldo narra sua vida a um homem da cidade (que não se manifesta diretamente), rememorando suas aventuras dos tempos de cangaço, expondo dúvidas existenciais e buscando um sentido para o que viveu. Por amor a um companheiro de armas, Reinaldo, apelidado de Diadorim, Riobaldo se tornou jagunço e pactário do demônio, empenhando-se na vingança do grande chefe Joca Ramiro (pai de Diadorim), morto à traição por Hermógenes e seu bando. *Grande sertão: veredas* é uma das mais importantes obras da literatura brasileira.

Grande sertão: veredas

O senhor tolere, isto é o sertão. [...] Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oeste. Mas, hoje, na beira dele, tudo há – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte.

Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalam no nome dele – dizem só: o *Que-Diga*. Vote! Não... Quem muito se evita, se convive. [...]

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso — por estúrdio que me vejam — é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela — já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é o ditado: “menino — trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... *O diabo na rua, no meio do redemunho...*

[...] o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... Invencionice falsa! E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. [...] Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto. Sua companhia me dá altos prazeres.

Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda. Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...

(ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 23-41.)

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

Por meio de sua personagem Riobaldo, Guimarães Rosa fala do sertão mineiro, território de jagunços, coronéis, de gado. “O sertão é o mundo” que pode ser registrado, manipulado e transformado: é um mundo mítico, ativo e interativo. Assim, conhecer o sertão é também conhecer o próprio ser humano que ali vive. Ao descrever o sertão para seu ouvinte, o narrador Riobaldo revela que concebe o lugar como...

- (A) seco, habitado e justo.
- (B) amplo, isolado e injusto.
- (C) abastado, inóspito e anárquico.
- (D) desértico, despovoado e justo.
- (E) frondoso, desabitado e anárquico.

QUESTÃO 2

A imensa capacidade de criação linguística constitui a face mais aparente de toda a obra de Guimarães Rosa. Um dos recursos bastante utilizado por Rosa é o neologismo, ou seja, a arte de inventar palavras. No 2º parágrafo, foi criado o termo *desfalam* para apresentar a forma como os moradores se referiam ao demônio.

- a) O que esse neologismo revela sobre o sentimento dos moradores diante do ser diabólico?
- b) O narrador demonstra certeza ou incerteza diante da existência do diabo? Justifique com fragmentos do parágrafo.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

O texto de Guimarães Rosa mostra uma forma peculiar de escrita, ao recriar a fala regional no vocabulário, na sintaxe e na melodia da frase. Um exemplo de palavra ou expressão regional pode ser encontrado em:

- (A) “Esses gerais são sem tamanho”
- (B) “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador;”.
- (C) “Mas, hoje, na beira dele, tudo há.”.
- (D) “o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens.”.
- (E) “Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira.”.

ATIVIDADE DE LEITURA E USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

O ouvinte com quem Riobaldo dialoga não se manifesta diretamente na história. Contudo, apesar de não ter nenhuma fala, é possível caracterizá-lo por intermédio dos comentários feitos pelo narrador.

- a) Que características do interlocutor de Riobaldo são possíveis recuperar? Destaque os fragmentos nos textos.
- b) No último parágrafo, que opinião de Riobaldo sobre os moradores do sertão é possível recuperar? Comprove com trechos do parágrafo.

TEXTO GERADOR 2

O trecho abaixo também faz parte do romance pós-modernista em estudo neste Roteiro, *Grande sertão: veredas*. Nele, o protagonista Riobaldo narra o amor reprimido que manteve por Reinaldo/Diadorim, seu companheiro jagunço. Na realidade, Diadorim era Maria Diadorina – filha única do fazendeiro Joca Ramiro –, que se travestiu de homem para viver em meio aos jagunços e vingar a morte do pai. Sem saber disso, no entanto, Riobaldo revela toda a angústia e a contradição presentes no sentimento que desenvolve por seu jagunço e braço direito.

Grande sertão: veredas

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos voos e pousoação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: “É formoso próprio...” – ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P’ra e p’ra, os bandos de patos se cruzavam. – “Vigia como são esses...” Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. – “É aquele lá: lindo!” Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinim – a galinholagem deles. – “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” – o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia! Dum outro, que eu ouvisse, eu pensava: frouxo, está aqui um que empulha e não culha. Mas, do Reinaldo, não. O que houve, foi um contente meu maior, de escutar aquelas palavras. Achando que eu podia gostar mais dele. Sempre me lembro. De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-croa. [...]

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhicereina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que

fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios desconstruídos. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durante todo o tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço! Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não o entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu esmaecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos.

(ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 159-163.)

ATIVIDADE DE LEITURA E USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

O trecho acima faz parte do episódio da Guararavacã, lugar em que Riobaldo toma consciência da natureza de seus sentimentos em relação a Diadorim. Percebe-se que a narrativa explode em imagens poéticas, repletas de doçura e ligadas à natureza, adormecidas até então, como haviam permanecido as emoções do ex-jagunço. A linguagem acompanha esse movimento, capta-se a magia da simplicidade sertaneja, como por exemplo, no uso do sufixo de diminutivo com valor expressivo.

Observe a frase abaixo para responder às questões:

*“Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de **biquinquim** – galinholagem deles”.*

No trecho acima, temos a palavra *macho*, acrescida do sufixo de diminutivo – (z)inho, e o neologismo *biquinquim*, que apresenta uma forma mais popular de

diminutivo terminada em *-im*, própria da oralidade. Considerando o contexto em que as palavras *machozinho* e *biquinquim*, respectivamente, se inserem, identifique a alternativa que apresenta, de forma mais adequada, os valores semânticos expressos pela forma diminutiva.

- (A) ironia e onomatopeia.
- (B) agressividade e redução de tamanho.
- (C) afetividade e reciprocidade.
- (D) redução de tamanho e repetição.
- (E) afetividade e redução de tamanho.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

Observe o fragmento abaixo:

De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-croa. [...]

O termo em destaque permite recuperar uma informação. Assinale a alternativa que apresente, adequadamente, essa informação.

- (A) Riobaldo não entendia tanta bravura e, ao mesmo tempo, sensibilidade de Reinaldo.
- (B) Riobaldo discordava da admiração de Reinaldo por determinado pássaro.
- (C) Reinaldo considerava um determinado pássaro o mais belo de todos.
- (D) Reinaldo despertava sentimentos contraditórios em Riobaldo.
- (E) Riobaldo gostava cada vez mais de Reinaldo.

QUESTÃO 7

Riobaldo é um narrador-personagem que conta a própria vida. As dificuldades do viver e do narrar tornam o texto ambíguo e complexo, alternando o foco narrativo na apresentação das informações. Para isso, o narrador pode optar por transcrever, literalmente, a fala do personagem, configurando o chamado *discurso direto*, ou, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem, utilizando, assim, o *discurso indireto*. Retire um trecho em que foi utilizado o discurso direto. Em seguida, reescreva o fragmento, utilizando o discurso indireto.

TEXTO GERADOR 3

A crônica a seguir parte do envolvimento do cantor de pagode Belo com traficantes e as fitas – que funcionaram como provas desse envolvimento – divulgadas pela polícia. O mote da crônica se baseia na linguagem empregada pelos traficantes em confronto com o padrão do português e, de certa forma, numa crítica aos veículos de comunicação diante da exposição desse tipo de notícia em horário nobre:

O tênis na parede¹

Nonada, mermão. Tá faltando um Guimarães Rosa, sei lá, um cara que entenda as palavras pelo avesso, que olhe na bolinha dos olhos dessa fulerage traficante e chape o coco dos livros. Dê arte à falta de sentido do que anda sendo dito, tá ligado? Vou repetir. Depois das balas perdidas, eis que nos atacam o tiroteio das palavras perdidas. Os bandidos não só estão soltos como soltaram o verbo, uma espécie de cão de guarda de seus maléficos propósitos. Não falam. Desfalam.

Ouçõ essas gravações clandestinas que a polícia fez do traficante Vado com o simpatizante Belo e, apesar do áudio zerinho, me matusquelo. Não se entende nonada. Tá todo mundo querendo malocar, esconder alguma coisa, e como a polícia já descobriu todos os esconderijos, estão escondendo o bagulho embaixo das palavras. Não quer dizer nada, e tudo quer dizer que o vagabundo tá guardando o sentimento embaixo da sola do pé, como diz o pessoal dos Racionais – e semântica embaixo da língua, como completo eu daqui. Olha na bolinha dos meus óculos e vê se tu vê algum otário?

[...]

“Quero tênis pra deixar estampado na parede”, umas das encomendas do pagodeiro Belo ao trafica Vado, quer dizer que ele precisa de um AR-15 para zoar brabo, sacou? Se minha pátria é minha língua, como diz o outro, tá lá o corpo estendido no chão. Mas sem moralismo vacilão, sem essa de dedo de seta, dedo nervoso. Não entrego ninguém. [...] “O bagulho tá brabo, neguinho, já sangrou”, disse um tal de Jota, traficante, numa dessas gravações da polícia, e isso evidentemente não faz nenhum sentido hoje – mas vai fazer. Fica frio. Fica na fé.

A língua é assim. Vai na frente, vai primeiro. Abre alas e depois mete bala. [...] As palavras vão sendo comidas pela preguiça moderna da fala – ninguém é mais 171, mas apenas 71, notou?, o que vem dar numa nova palavra. Morre-se de fome nas bocadas do Rio, mas desde Sardinha há muito português a se comer.

A promiscuidade carioca, de bandidos falando o malandrês com legenda, para melhor ser entendido no jornal das oito, está dando um banho de língua no papo da

¹ A crônica foi publicada parcialmente. Acesse, na íntegra, em <https://docs.google.com/presentation/d/1ykWe9vLkJoeZNYb93JgZD3-Uznvo99OhoYZo7aWgsT8/pub?start=false&loop=false&delayms=3000>.

cidade. [...] De tanto ouvir o DJ parece que esses jovens, do viés do bem ou da sianinha do mal, andam remixando o discurso, e como o chefe no toca-disco, misturam uma palavra com a outra às vezes apenas pela beleza do reencontro. Estão trezotando a gramática, mas isso não mata. Lula, de Armani, e Serra, de João Valentão, confundem mais.

O tiroteio do palavrório ricocheteando doidaço, sem sentido de prima, até que é rico e divertido. O câmbio dos economistas pode ser frágil, a língua não. É dura. É dura e mole. É mole e dura. Adapta-se, camaleão, cachorra gostosa que é. Morou?

(SANTOS. Joaquim Ferreira dos. **O que as mulheres procuram na bolsa**: crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2003.)

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 8

Como falantes do português, percebemos que há situações em que a língua se apresenta sob formas diversas daquela que nos habituamos a ouvir nos principais meios de comunicação. A crônica de Joaquim Ferreira dos Santos nos permite refletir sobre esse uso diversificado da linguagem. Pela leitura da crônica, analise as afirmações abaixo acerca do processo de criação do texto:

- I. O narrador constrói seu texto usando a variabilidade que ele mesmo critica, estabelecendo uma relação com o próprio objeto de discussão, a linguagem.
- II. Para exemplificar a “preguiça moderna da fala”, o narrador usa, no próprio fio do seu discurso, as expressões “tá ligado?” e “vacilão”.
- III. A afirmação do cronista de que não se entende nada do que é falado na “fita” não faz sentido, afinal a linguagem empregada apresenta uma variabilidade próxima daquela usada pelo narrador.

É correto APENAS o que se afirma em:

- (A) I
- (B) II
- (C) I e II
- (D) I e III
- (E) I, II e III

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 9

O texto, embora escrito, apresenta traços de oralidade e gírias criadas por um determinado grupo social. Ao mesmo tempo em que contribui para definir essa identidade, a gíria funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esses grupos, pois costuma resultar em uma linguagem incompreensível. Esse fato leva o cronista a comentar a dificuldade de entendimento da linguagem empregada nas fitas. Com isso, ele recorre a escritores como Guimarães Rosa, em referências claras a “nonada” e “desfalam”, usando sua forma de escritura e/ou seu vocabulário peculiar. Esse tipo de estratégia foi utilizado com o seguinte objetivo:

- (A) criticar o emprego inadequado da linguagem usada na fita.
- (B) ironizar o nível do uso do português entre a classe artística.
- (C) evidenciar a importância da língua portuguesa para a comunicação de massa.
- (D) apontar a deficiência do ensino público ao tratar de questões acerca do idioma.
- (E) valorizar um autor que tinha como uma de suas marcas o esmero do trabalho com a palavra.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 10

No texto, observamos que o cronista tenta manipular um código. Para a construção de sentido de sua mensagem, ele mistura expressões utilizadas no universo marginal com traços de literariedade. O jogo literário no texto se faz presente, também, com a presença constante da ironia. O emprego de tal recurso pode ser verificado em:

- (A) “Tá faltando um Guimarães Rosa, sei lá, um cara que entenda as palavras pelo avesso”.
- (B) “É preciso corujar a cachanga, garante Paulo Lins, no Cidade de Deus”.
- (C) “Os costumes andam corroídos, como diz o doutor juiz”.
- (D) “mas desde Sardinha há muito português a se comer.”
- (E) “O tiroteio do palavrório ricocheteando doidaço, sem sentido de prima, até que é rico e divertido”.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 11

Mesmo que o Brasil tenha mudado substancialmente nas últimas décadas, o país ainda apresenta grandes desigualdades sociais. Muitos brasileiros vivem na pobreza, com baixos níveis de escolaridade, sem acesso à educação, ao trabalho, à renda, à moradia, à saúde, ao transporte e à informação.

Leia, com atenção, os textos a seguir:

A Constituição Federal é a lei maior da República Federativa do Brasil. Veja alguns trechos abaixo:

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição. [...]

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

[...]

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Apesar do que propõe a Constituição, a pobreza e as desigualdades sociais continuam presentes em nossa sociedade. O texto abaixo é parte da letra do cantor de rap Criolo e fala da desigualdade com a qual convivemos nos dias atuais.

Subirosdoistiozin

(Tem uns menino bom novo hoje aí na rua, pra lá e pra cá, que corre pelo certo.. Mas já tem uns também que eu vou te falar, viu.. só por Deus, viu! Ave Maria!)

Só função no doze, na garagem um Golf, bonitão na praia de Hornet, fi
Tudo isso tem, e o apetite vai, pra bater de front, e Babyloncair
As criança daqui, tão de HK, leva no sarau, salva essa alma aí
Os perreco vem, os perreco vão, as vadia quer, mas nunca vão subir
Cença aqui patrão, eu cresci no mundão, onde o filho chora e a mãe não vê
E covarde são, quem tem tudo de bom, e fornece o mal, pra favela morrer

Uns acham que são, mas nunca vão ser
Feio é arrastar e nem perceber

Subirosdoistiozin sugere a responsabilidade de um segmento social mais privilegiado sobre as mazelas da classe mais pobre.

Refletindo sobre os textos apresentados, produza um artigo de opinião sobre o tema abaixo:

Desigualdades: quem são os responsáveis?

Um artigo de opinião tem como propósito discutir um tema atual, geralmente, controverso, objetivando um posicionamento frente a ele, o que exige, por parte do articulista, uma tomada de posição e a fundamentação desse posicionamento com argumentos sólidos e consistentes. Veja algumas características desse gênero no quadro que segue na página seguinte:

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO	
QUAL É A SUA ESTRUTURA?	<p>A estrutura básica é:</p> <p>Situação - problema discussão solução/avaliação</p> <p>Assim, é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação, refletindo a respeito do assunto. O autor justifica suas afirmações, tendo em vista posições, questões ou conclusões contrárias, possivelmente levantadas pelo leitor. Ele antevê suas posições para poder contestá-las.</p>
QUE TIPO DE LINGUAGEM É UTILIZADA?	<p>Geralmente, no texto, predomina a 3ª pessoa do singular, mas também pode ocorrer a 1ª pessoa do plural e, mais raramente, a 1ª pessoa do singular. O nível de linguagem deve estar de acordo com o perfil do público-alvo, no entanto, como é um texto publicado na mídia, deve-se observar as regras da norma culta da língua: pontuação, acentuação, concordância nominal e verbal, regência nominal e verbal.</p>

Importante:

- Dê um título a seu artigo;
- no 1º parágrafo, introduza o assunto para seus leitores e mostre, com clareza, seu posicionamento diante desse assunto;
- faça dois ou três parágrafos para fundamentar seu ponto de vista. Você pode utilizar conhecimentos de outras disciplinas, fatos, vivências pessoais, exemplos etc. É importante que seus argumentos sejam consistentes;
- ao fim, conclua seu texto, reafirmando seu posicionamento inicial e, se possível, propondo uma forma viável de solucionar a situação apresentada;
- lembre-se: seu objetivo é convencer seus leitores a aceitarem seu ponto de vista. Seja convincente.